

No entanto, nem sempre trazemos muita coisa daquela vida para a nossa consciência diária em estado de “vigília”.

Tanto o filósofo francês Maine de Biran [1] como Helena P. Blavatsky mostraram que o Carma, ou Ação, se desenvolve em linhas inter-relacionadas mas relativamente independentes uma da outra, em níveis diferentes de realidade, e com variados graus de intensidade.

H. P. Blavatsky citou as seguintes palavras de Félix Ravaisson, um dos filósofos franceses que foram influenciados por Maine de Biran:

“A real existência, a vida da qual toda outra vida é apenas um reflexo imperfeito, uma pálida representação, é a vida da Alma.”[2]

De fato, a vida da nossa Alma espiritual nem sempre gera consequências imediatas nos planos inferiores e mais densos.

É necessário tempo para que o aprendiz compreenda o mistério setenário de estar realmente acordado. O progresso é gradual, e mais de uma encarnação é certamente necessária para que a vida possa tornar-se diretamente setenária nas múltiplas camadas da sua consciência.

Isto deve ser levado em conta quando vemos limitações e defeitos em outros estudantes de filosofia, ou em nós mesmos. Uma vez que as pessoas sejam sinceras e estejam fazendo um esforço, e enquanto nós mesmos estivermos tentando o melhor, será sábio lembrar que, embora haja uma relação ativa entre as linhas cármicas dos diversos níveis de vida, esta relação é sutil e não imediata. A energia do céu pode exigir um tempo antes de manifestar-se na terra.

Robert Crosbie escreveu:

“Quando consideramos - como é necessário fazer - que as nossas vidas individuais vêm desde longas eras anteriores e de um passado muito longínquo; e que há um futuro ilimitado pela frente, e que a nossa existência corporal de hoje é apenas um pequeno aspecto de um grande Ser contínuo -, nós nos erguemos então acima do que é temporário, enquanto agimos no temporário; e, vendo melhor as proporções e relatividades corretas, ficamos menos envolvidos ou perturbados com ‘o que pode acontecer’. Isso tem grande valor em si mesmo, porque nos dá a firmeza de um guerreiro na luta. ‘Não esqueça esta lição, o homem espiritual está no mundo para libertar-se de defeitos. Sua vida externa é só para isso, por isso todos parecemos estar em desvantagem’. Olhando para a vida deste ponto de vista, vemos que tudo o que vem até nós constitui uma oportunidade para ‘o ser humano espiritual’ aproveitar; e encontramos em cada acontecimento ‘aquela luta gloriosa, pela qual não buscamos, mas que só os soldados favorecidos pela sorte são capazes de vencer’.”

Podem ocorrer - em planos mais elevados de consciência - acontecimentos que não são lembrados em nosso estado de vigília. Mesmo algum iniciado pode não ter consciência cerebral de tais eventos, segundo Crosbie afirma, citando outro autor teosófico:

“Vocês lembrarão que W. Q. J.[3] escreveu: ‘Nenhum de nós, e especialmente aqueles que ouviram falar do Caminho, ou do Ocultismo, ou dos Mestres, pode dizer com certeza que não passou ainda por alguma iniciação, com conhecimento disso. Podemos já ter sido iniciados

em algum grau mais elevado que o sugerido pelo nosso estágio atual, e talvez estejamos passando por alguma nova provação desconhecida por nós. É melhor considerar que isso ocorreu, garantindo, porém, que eliminamos todo e qualquer orgulho por aquele progresso desconhecido que podemos ter feito.’ Todos podemos sentir-nos reconfortados e encorajados por estas palavras, e talvez elas sejam especialmente verdadeiras no caso daqueles que estão tomados por um entusiasmo em relação ao trabalho do Mestre”. [4]

Embora a ideia de ser algum tipo de ‘iniciado’ seja potencialmente nociva para a maior parte dos estudantes de teosofia, é um fato que há relativamente pouco tempo atrás todos nós tivemos experiências diretas em níveis mais elevados de consciência. O Devachan - a longa e abençoada experiência que ocorre entre duas vidas físicas - é provavelmente o melhor exemplo disso. A sua proximidade cronológica com a nossa atual vida em estado de “vigília” - menos de um século - torna possível compreender a própria substância da vida mais elevada. Além disso, todos experimentamos estados equivalentes ao Devachan durante cada boa noite de sono, e William Q. Judge escreveu:

“Em sonhos nós vemos a verdade e experimentamos as alegrias celestiais. Na vida física podemos destilar gradualmente aquele orvalho, e trazê-lo para nossa consciência normal.” [5]

Será mais fácil compreender os aspectos profundos da vida se adotarmos o ponto de vista correto diante de um permanente mistério: *o que é estar realmente acordado?*

Alguns indivíduos estão mais despertos para as realidades espirituais enquanto seus corpos físicos dormem. A recíproca é verdadeira: no estágio atual da evolução, para muitos o ato de estar fisicamente acordados significa necessariamente estar espiritualmente adormecidos.

Quando não prestamos a devida atenção à vida dentro e fora de nós, a nossa consciência em estado de vigília se torna apenas um sonho ilusório e desorientador. A chamada “vida física” pode ser vivida como uma forma de sonambulismo. Não são poucos os cidadãos que sonham acordados, e que, quando acordam, recuperando finalmente o bom senso, ficam chocados pelo que veem.

Cabe perguntar, portanto, até que ponto estamos de fato acordados. Segundo a filosofia esotérica, a verdadeira realidade é mais sutil e muito mais estável que as condições sempre mutáveis, feitas de sonhos, que reinam na vida física. Acordar é uma função da sabedoria.

Ao observar continuamente a nossa relação com o sono, com os sonhos, e com a vida em estado de vigília, consolidamos o nosso progresso na arte de estar Atentos ao longo dos diversos estados de consciência que se sucedem, uma e outra vez, a cada dia de 24 horas.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] “Nouveaux Essais D’Anthropologie”, em “Oeuvres de Maine de Biran”, Tome XIV, Introductions par Pierre Tisserand et Henri Gouhier, Presses Universitaires de France, Paris, 1949, 440 pp., ver pp.195-402.

[2] “Memory in the Dying”, um artigo de H.P. Blavatsky incluído na coletânea “Theosophical Articles”, H.P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, volume II, 1981. Veja a p. 378. Há uma menção prévia a Ravaisson alguns parágrafos acima, no texto de H.P.B.

[3] W.Q.J.: William Q. Judge.

[4] “The Friendly Philosopher”, Robert Crosbie, Theosophy Co., Los Angeles, 1945, 415 pp., ver p. 149.

[5] “Letters That Have Helped Me”, William Q. Judge, Theosophy Co., Los Angeles, 1946, 300 pp., ver p. 37.

A Civilização Revitalizada

O Passado Contém Lições para o Futuro, e Deve ser Olhado com Criatividade

Regina Maria Pimentel de Caux



É verdade que “a percepção da verdade pode ser transmitida assim como uma vela acende outra vela, que acende outra, e outra, e assim sucessivamente” [1]

Contudo, precisamos nos tornar capazes de contribuir para o nascimento de uma série de práticas e vivências que desenvolvam imagens positivas de um futuro promissor.

Vemos hoje pessoas assistindo televisão durante mais de 4 horas por dia. E a TV constitui predominantemente um instrumento de promoção do consumo cego. Os vários canais servem basicamente para a divulgação dos valores, das atitudes e dos estilos de vida que cercam o consumo de inúmeros produtos. Precisamos de um novo nível de responsabilidade quanto ao emprego da televisão. Estamos trivializando nossa consciência enquanto civilização, numa época em que precisamos de uma visão vigorosa do nosso caminho em direção ao futuro.

A responsabilidade pela mudança pesa também sobre a educação. É preciso criar uma visão de futuro realista e com uma orientação significativa para a nossa vida, a fim de que não se perca a confiança em nós mesmos e nos outros.

John Garrigues afirma:

“Em qualquer lugar e qualquer situação, a confiança é a primeira condição para obter êxito. A confiança na Lei das nossas naturezas imortais, a confiança no fato de que a justiça prevalece, a certeza da nossa capacidade de aprender, de crescer, de realizar o que desejamos, e de encontrar respostas para todos os problemas”. [2]

O desafio é estar à altura da situação e começar com seriedade a revitalizar nossa civilização enfraquecida.

O passado deve ser resgatado porque possui lições para o presente e o futuro, isto é, deve ser olhado com criatividade. John Garrigues esclarece:

“Para o estudante de Teosofia que quiser ir além do muro da teoria e da incerteza, e libertar-se das trincheiras fixas do conhecimento livresco, não basta permanecer firme contra a forte corrente do materialismo. Ele tem, na realidade, que *avançar* contra ela. Ele deve fazer mais do que *acreditar* em Altruísmo; ele deve tornar-se altruísta. Através de um esforço supremo - feito com grande persistência e ao mesmo tempo que o corpo, a mente e mesmo a Alma estão tão desgastados pelo combate desigual que o estudante ficaria contente de morrer no esforço - ele deve avançar constantemente, ainda que o mundo inteiro, e ele próprio, em parte, acreditem que avançar é uma tolice”. [3]

Trabalhando nessa atmosfera, nossas vidas são norteadas pela busca da sabedoria, pela vivência do ensinamento, e pela reconquista da paz e do equilíbrio nos assuntos humanos.

À medida que se avança nesse processo, uma ação mais inteligente começa a desenvolver-se. A confiança gera mais confiança -; em si mesmo, nos outros, na natureza, e na humanidade.

Ao longo desse caminho, cada alma faz soar a sua nota-chave, enquanto avança rumo à mais extraordinária sinfonia e faz com que surjam no mundo inteiro dimensões novas de oportunidades para todos.

NOTAS:

[1] “Sete Notas Sobre a Transmissão do Saber”, de Carlos Cardoso Aveline; artigo disponível pela [Lista de Textos em Ordem Alfabética](#), em www.FilosofiaEsoterica.com .

[2] “Confiança nos Mestres”, de John Garrigues; artigo disponível pela [Lista de Textos em Ordem Alfabética](#), em www.FilosofiaEsoterica.com .

[3] “Confiança nos Mestres”, de John Garrigues. O artigo pode ser encontrado pela [Lista de Textos em Ordem Alfabética](#), em www.FilosofiaEsoterica.com .

Um Fragmento de “Luz no Caminho”:
O Que é Uma Fraternidade
 E Como Avançar na Direção do Absoluto Bem



Nota Editorial:

“**O Teosofista**” começou a tradução seriada da obra “**Luz no Caminho**” em sua edição de agosto de 2011. O trecho a seguir está nas pp. 62 a 69 da edição original de “Light on the Path”, M. C., Theosophy Co., Los Angeles. Trata-se do Comentário sobre o terceiro aforismo da obra, anterior à regra número 1. (C. C. A.)

III - O Pedido do Neófito

“Antes que a voz possa falar na presença dos Mestres.”

A fala é o poder da comunicação; o momento do ingresso na vida ativa é marcado pela sua conquista.

E agora, antes de dar mais um passo à frente, quero explicar um pouco o modo como estão organizadas as regras escritas em “Luz no Caminho”. As primeiras sete regras numeradas são subdivisões das duas primeiras regras não-numeradas, que eu comentei nos dois ensaios anteriores. As regras numeradas são simplesmente um esforço meu para tornar as regras não-numeradas mais inteligíveis. As regras “oito” a “quinze”, das numeradas, se referem a esta regra que agora abordo.

Como já disse, estas regras estão escritas para todos os discípulos, e para mais ninguém. Elas não têm interesse para outras pessoas. Portanto, espero que só os discípulos se deem ao trabalho de ler a continuação destas anotações. Expandirei - se isso for solicitado - os comentários das duas primeiras regras, que incluem toda a parte do esforço para a qual é necessário o bisturi do cirurgião. Mas espera-se que o discípulo enfrente sem ajuda a cobra, o seu eu inferior. Ele deve suprimir suas paixões e emoções humanas pela força da sua própria vontade. O discípulo só pode pedir a ajuda de um Mestre quando isso é realizado, pelo menos em parte. De outro modo as portas e janelas da sua alma ficarão manchadas, cegas, e escurecidas, e nenhum conhecimento poderá chegar até ele. Nestes comentários, não pretendo ensinar a ninguém como lidar com sua própria alma: simplesmente dou conhecimento ao discípulo. Não estou escrevendo para todos, agora, devido ao fato de que a realidade superior impede isso através de suas próprias leis imutáveis. [1]

As quatro regras que escrevi para os ocidentais que quiserem estudá-las estão, como eu disse, na ante-câmara de toda Fraternidade viva, e posso acrescentar: na ante-câmara de toda Fraternidade ou Ordem, viva, morta, ou ainda por ser formada. Quando falo de uma Fraternidade ou Ordem, não me refiro a uma entidade arbitrária criada por eruditos e intelectuais; me refiro a um fato real na realidade superior, um estágio de desenvolvimento na direção do Absoluto Bem. [2] Durante este desenvolvimento, o discípulo encontra vários graus de harmonia, de conhecimento puro, de verdade pura, e, à medida que avança por tais graus, ele vê a si mesmo tornando-se parte de algo que pode ser de algum modo descrito como uma camada de consciência humana. Ele descobre os seus colegas, os seres que possuem como ele um caráter altruísta, e sua associação com eles se torna permanente e indissolúvel porque tem como base uma semelhança vital, de substância. Ele assume um compromisso interno com eles cujo voto solene não requer que se digam palavras e não necessita uma estrutura de linguagem convencional. Este é um aspecto do que quero dizer quando me refiro a uma Fraternidade.

Se as primeiras regras são corretamente postas em prática, o discípulo percebe que está situado em um limiar. Se a sua vontade for suficientemente firme, surge então o poder de falar: e este é um poder duplo. Porque agora, à medida que ele avança, ele vê a si mesmo entrando em um estado de florescimento no qual cada botão lança ao abrir-se vários raios ou pétalas. Para exercitar o seu novo dom, ele deve usá-lo em seu caráter duplo. Ele descobre em si mesmo o poder de falar na presença dos mestres; em outras palavras, ele tem o direito de pedir contato com o elemento mais divino daquele estado de consciência no qual ingressou. Mas ele se vê compelido, pela natureza da sua situação, a agir de duas maneiras ao mesmo tempo. Ele não pode mandar a sua voz até as alturas em que estão os deuses, antes de chegar aos lugares profundos onde a luz não brilha de modo algum. Ele chegou a uma situação em que manda uma lei de ferro. Se ele pedir para tornar-se um neófito, ele se torna de imediato um servidor. No entanto o serviço que prestará é sublime, e para ver isso basta observar o caráter daqueles que o acompanharão. Porque os mestres são também servidores; eles servem e só depois pedem a sua recompensa. Uma parte do serviço deles é deixar que o conhecimento chegue até ele; o primeiro ato de serviço, da parte dele, é dar algo daquele conhecimento a aqueles que ainda não estão preparados para estar onde ele está. Esta não é uma decisão arbitrária feita por um mestre ou instrutor de qualquer pessoa, por mais divino que seja. É uma lei daquela vida na qual o discípulo agora entrou.

Portanto, estava escrito no portal interno das lojas da antiga Fraternidade Egípcia: “O trabalhador é digno de ser contratado”.

A expressão “Pede e terás” soa como demasiado fácil e simples para ser verdadeira. Mas o discípulo não pode “pedir” no sentido místico em que a palavra é usada nesta escritura antes de haver alcançado o poder de ajudar os outros.

Por que isso deve ser assim? Esta afirmação não soa como excessivamente dogmática?

Será demasiado dogmático dizer que, antes de saltar, um homem deve ter um chão firme? A situação é a mesma. Se for dada ajuda, e for realizado um trabalho, então existe um real pedido; não uma reivindicação pessoal de pagamento, mas um pedido co-substancial. Os seres divinos doam, e eles exigem que você também doe, antes de ser admitido como um deles.

Esta lei é descoberta assim que o discípulo tenta falar. Porque a fala é um dom que nasce apenas para o discípulo que tem poder e conhecimento. O espiritualista entra no mundo psíquico-astral, mas não encontra lá qualquer fala determinada, a menos que peça por ela e continue pedindo. Se ele estiver interessado em “fenômenos”, ou nas meras circunstâncias e acasos da vida astral, ele não entrará em qualquer raio direto de pensamento ou de propósito determinado. Ele apenas existirá e se divertirá na vida astral assim como existia e se divertia na vida física. Há certamente uma ou duas lições simples que o mundo psíquico-astral pode ensinar a ele, assim como há lições simples que a vida material e intelectual lhe ensina. E estas lições têm que ser aprendidas; o homem que se propõe a viver a vida do discípulo sem ter aprendido as lições anteriores e simples deve sempre sofrer devido à sua ignorância. Estas lições são vitais, e precisam ser estudadas de uma maneira vital. Devem ser experimentadas do início ao fim, uma e outra vez, de modo que cada parcela da natureza do aprendiz seja permeada por elas.

Voltemos ao ponto inicial. Ao pedir pelo poder da fala, o neófito clama por orientação ao Grande Ser que permanece na posição de mais destaque no raio de conhecimento em que ingressou. Quando ele faz isso, a sua voz é lançada de volta pelo poder de que ele se aproximou, e ecoa até os mais profundos recessos da ignorância humana. De algum modo vago e confuso, é levada - a todos os seres humanos que a escutarem - a notícia de que existem um conhecimento e um poder benéficos, e eles são ensinados. Nenhum discípulo pode passar pelo limiar sem divulgar esta notícia, e sem registrá-la de uma maneira ou de outra. Ele é tomado de horror ao ver o modo imperfeito como o faz; e então vem o desejo de fazer a transmissão de uma maneira mais correta. Junto com o desejo de ajudar aos outros, vem o poder de fazê-lo. É puro o desejo que vem até ele. Ele não pode obter crédito, nem glória, nem recompensa pessoal por realizar este desejo. É por isso que ele obtém o poder de alcançá-lo.

A história de todo o passado, até onde podemos conhecê-lo, mostra muito claramente que não há crédito, glória ou recompensa a serem ganhos em troca desta primeira tarefa pedida ao Neófito. Os místicos sempre a desprezaram, e os videntes não acreditaram nela. Aqueles que tinham o poder adicional do intelecto deixaram os seus registros escritos para a posteridade. Para a maior parte dos homens, eles parecem escritos visionários e sem significado, mesmo quando os autores têm a vantagem de falar desde um passado distante. O discípulo que tenta realizar a tarefa aspirando secretamente por fama ou sucesso, ou querendo parecer um instrutor e apóstolo diante do mundo, fracassa antes mesmo de começar a tarefa. A sua hipocrisia oculta envenena a sua própria alma e as almas daqueles de quem ele se aproxima. Ele secretamente adora a si mesmo, e sua idolatria produzirá necessariamente resultados.

Quando a mensagem divina vier até seu espírito, o discípulo que tem o poder de avançar e é suficientemente forte para vencer cada uma das barreiras irá esquecer completamente de si mesmo, na nova consciência que desce sobre ele. Se este contato elevado pode realmente despertá-lo, ele se torna semelhante aos que são divinos, graças a seu desejo de doar, mais do que receber, à sua vontade de ajudar, mais do que ser ajudado, e à sua resolução de alimentar os famintos, mais do que receber o maná do céu. A sua natureza se transforma, e ele é abandonado subitamente pelo egoísmo que leva os seres humanos à ação na vida comum.

NOTAS:

[1] Isto é, os fatos de natureza superior, relativos ao discipulado, só são compreensíveis por um processo de *sintonia* interior. Discípulo é aquele que aprende de fato. Os discípulos têm “olhos para ver”, ou seja, possuem o ponto de vista a partir do qual tais fatos passam a ser

compreensíveis. O não-discípulo com motivação egoísta se agarra às palavras. O não-discípulo sincero se preparará para a compreensão e chegará pouco a pouco ao conhecimento. O discípulo compreenderá melhor as palavras ao *vivê-las*. Uma obra como “A Doutrina Secreta”, por exemplo, é esotérica por si mesma. Está selada invisivelmente, ainda que suas palavras sejam públicas. A chave de leitura está no ponto de vista, e o ponto de vista correto inclui entre outros fatores uma intenção pessoal elevada e nobre. (C. C. A.)

[2] No original em inglês, “Absolute God or Good” (“Absoluto Deus ou Bem Absoluto”). Segundo a teosofia, a ideia de um deus monoteísta é uma ilusão responsável pela maior parte do atual sofrimento humano (Veja a Carta 88 de “Cartas dos Mahatmas”). Assim, preferimos evitar na presente tradução este termo enganoso. (C. C. A.)

A Importância da Disciplina

Tranquilidade Resulta do Cumprimento do Dever

Joana Maria Pinho



O caminho espiritual corresponde ao caminho do Todo e da Lei.

Ser auto-disciplinado implica criar e seguir um método de aprendizagem que conduza ao equilíbrio e à verdade e esta é uma proposta em Teosofia:

“Se examinares alguém que é auto-disciplinado e purificado pela filosofia, verás que nele tudo é saudável, verdadeiro e correto.” [1]

Todas as partículas do universo têm seus conjuntos de leis, “filhas” da lei maior.

Observando a natureza é possível verificar que a disciplina está em toda parte e que é necessária a toda atividade livre, correta e eficaz.

O cumprimento do dever, em qualquer circunstância, possibilita a marcação do ritmo necessário para que essa nota ecoe no espaço e assim participe da melodia maior. Aqueles que

vivem a autodisciplina fazem a diferença no mundo, trazem o avanço, provocam o progresso.

“O Dhammapada” ensina:

“Quem faz canais de irrigação conduz as águas. Os flecheiros dão forma às flechas. Os carpinteiros dão forma à madeira. Os sábios disciplinam a si mesmos.” [2]

A satisfação dos prazeres momentâneos e egoístas constroem muros que nos separam da tranquilidade e plenitude, e é optando pelo Todo que se derrubam todos eles. Podemos ler no texto “O Papel da Auto-Disciplina”

“O auto-disciplinado se contenta com pouco, mas o preguiçoso é insaciável. Quando alguém não limita a si mesmo, será limitado pela vida. Se as dificuldades da vida nos parecem demasiado duras, talvez estejamos sendo demasiado moles com nós mesmos. A auto-disciplina é fonte de humildade e paz. É graças à auto-disciplina que alguém pode abraçar a simplicidade voluntária.”

E ainda:

“Naturalmente, a autodisciplina só faz sentido se formos capazes de escutar a voz da nossa própria consciência. Para isto, é necessário obter níveis crescentes de autoconhecimento, isto é, de conhecimento do nosso Verdadeiro Eu. Dele resulta a auto-disciplina, e da auto-disciplina resulta o auto-conhecimento. Estes dois processos produzem uma mente aberta e um coração honesto, e assim ocorre a auto-libertação interior. Em última análise, portanto, a auto-disciplina leva à liberdade, mas a não-disciplina leva à prisão.” [3]

A disciplina brota de forma natural através do autoconhecimento, da visão elevada da vida - correta, justa e altruísta. É esta a disciplina criadora de amor e bondade, altruísmo e verdade.

Cumprindo o dever a tranquilidade é alcançada e a felicidade realizada: “A disciplina é a estrada que leva à plenitude da vida.” [4]

Amando e respeitando o Ser maravilhoso que há em cada um de nós, entrego-me ao dever do (auto) aperfeiçoamento, do amor e da verdade.

NOTAS:

[1] “Preceitos e Axiomas do Oriente - 5”, de H.P. Blavatsky, disponível através da [Lista de Textos por Ordem Alfabética](#) do website www.FilosofiaEsoterica.com.

[2] “O Dhammapada”, Capítulo Seis, versículo 5. A obra está disponível em seção temática própria em www.FilosofiaEsoterica.com.

[3] “O Papel da Auto-Disciplina”, de Carlos Cardoso Aveline. O artigo pode ser encontrado através da [Lista de Textos por Ordem Alfabética](#) do website www.FilosofiaEsoterica.com.

[4] “Amor e Disciplina”, de Matthew Kelly. O texto está disponível através da [Lista de Textos por Ordem Alfabética](#) do website www.FilosofiaEsoterica.com.

Acelerando a Transfiguração do Mundo

Por Que Um Punhado de Cidadãos Atentos Tem (Muito) Mais Influência Que As Grandes Multidões de Distraídos

Joaquim Soares



Uma única gota de água é suficiente para fazer um copo cheio transbordar.

O texto “As Revoluções de Percepção” [1] aborda a ideia dos momentos de ruptura ou de iluminação súbita - os pontos críticos em que o conhecimento acumulado se funde num impulso criativo da vida e se expande para além dos horizontes limitados, elevando a consciência a um novo patamar.

O texto começa por comentar o trabalho de comparação entre o acúmulo linear de conhecimento e o avanço súbito ou “revolucionário”, feito pelo físico e filósofo Thomas Kuhn.

Poderíamos dizer que as ideias que sustentam o equilíbrio de certas estruturas de conhecimento, sociais ou outras, são ultrapassadas num determinado momento por novas formulações e percepções que conduzem a um estado mais aperfeiçoado de equilíbrio e dinamismo.

Podemos ler no artigo:

“A idéia de que há momentos em que as ‘revoluções perceptivas’ são inevitáveis não só constitui algo útil em geral, mas talvez seja indispensável para que possamos compreender o atual momento humano. A expressão ‘revolução científica’ tem também uma correspondência com o conceito zen-budista de ‘iluminação súbita’, e com a idéia de ‘ponto ômega’, utilizada por Teilhard de Chardin. Talvez a humanidade esteja atravessando um destes momentos. A mudança que estamos vivendo - individual e coletivamente - é tão vasta, abrangente e rápida, que não somos capazes de perceber com clareza todas as suas dimensões. A visão do movimento das folhas das árvores tem sido tão fascinante que poucos indivíduos vêem a radical mudança do bosque inteiro a seu redor.”

O cidadão comum sente-se atordoado pela complexidade da mudança planetária, pelo movimento caleidoscópico dos sucessivos eventos nas diferentes áreas da ação humana, pelo conjunto gigantesco de desafios que parecem impedir o avanço da humanidade. Ainda assim, cada vez mais indivíduos vão tendo uma percepção progressivamente mais clara do momento crítico da civilização.

O texto afirma:

“Apesar da precariedade da percepção humanamente possível, muitos compreendem que nossa sociedade se aproxima de um momento de ‘ruptura cognitiva’; ou talvez já tenha ingressado nele. O velho modo estabelecido de ver as coisas se desfaz. Nossa antiga noção de tempo e de espaço se desmancha. Milhares de pequenos fatores alteram a substância das lentes com que olhamos aquilo que, para nós, é a ‘realidade’.”

São nos momentos críticos de mudança que um conjunto de indivíduos esclarecidos e atentos têm mais influência do que uma multidão de distraídos.

Neste ponto é interessante referir um estudo efetuado nos Estados Unidos por investigadores do Instituto Rensselaer.

Os cientistas descobriram que quando 10 por cento de uma população está firmemente comprometida com uma idéia, essa mesma idéia acaba sendo adotada pela maioria dessa sociedade. Os investigadores analisaram vários tipos de eventos em que situações estabelecidas durante décadas são alteradas em semanas apenas porque um número crítico de indivíduos adotou uma idéia ou postura inovadora. [2]

O estudo foi publicado numa revista científica de referência, com o título “Consenso Social Através da Influência de Minorias Comprometidas”.

As conclusões deste estudo vêm confirmar o ensino universal das grandes tradições filosóficas do mundo que ensinam que pequenos gestos e a ação correta de um ou mais indivíduos têm um enorme poder transformador sobre a vida de outros indivíduos e de uma sociedade inteira.

De certo modo, estamos perante o princípio da alavanca de Arquimedes, aplicado ao mundo das idéias e da ética como fatores fundamentais no progresso humano.

A alavanca teosófica tem a extensão proporcional ao grau de vivência do ensinamento daqueles que se juntam para erguer o peso da ignorância que pende sobre o mundo. O ponto

de apoio é o compromisso estabelecido com o Eu Superior. Deste modo, a questão primeira não é a quantidade de indivíduos, mas antes a do compromisso, mesmo que de poucos, para com a causa do bem da humanidade.

John Garrigues escreveu:

“Os aspirantes ao Discipulado são candidatos a viver a vida ordinária de um modo extraordinário - pelo uso do código de regras de conduta que é baseado numa profunda percepção do funcionamento das leis da natureza.” [3]

O aspirante vai aprendendo a trabalhar e a confiar na Lei. A vida é pródiga em bênçãos - oportunidades de aprendizagem - e nenhum esforço é feito em vão.

Lemos o seguinte no texto “O Centro do Círculo de Pascal”:

“Cada estudante, de acordo com as suas circunstâncias e possibilidades individuais, constitui o centro criativo de toda a roda da vida. O movimento teosófico é em si mesmo um nível - vivo, flexível, potencialmente decisivo - da esfera de Pascal. O segredo do ‘ponto de mutação’ a partir do qual pode ocorrer um processo de iluminação súbita da humanidade - ou, pelo menos, uma iluminação menos lenta - deve ser encontrado precisamente no Círculo cabalístico de Pascal. O centro do universo está em todas as partes. Portanto, ele está em cada cidadão. Todo indivíduo dotado de boa vontade tem, em si mesmo, a alavanca capaz de mover o mundo. Ele não poderá mudar o carma humano de imediato. Mas ele não está sozinho, e não dispõe apenas de uma vida para fazer a tarefa. A lei da reencarnação ensina que o tempo é precioso, porém, também ensina que ele é infinito. A transfiguração do mundo ocorre, então, de modo natural. Quando a consciência desperta, o esforço individual faz a diferença que muda a realidade compartilhada por todos.” [4]

Não sabemos em que momento ocorrerá um “despertar súbito”, nem isso é o mais importante. O que sabemos é que uma única gota de água é suficiente para fazer um copo cheio transbordar.

Este é um assunto decisivo, como temos tido a oportunidade observar nos últimos tempos. Quanto mais vivemos e atuamos, mais aprendemos sobre ele.

NOTAS:

[1] “As Revoluções de Percepção”, de Carlos Cardoso Aveline. O artigo pode ser encontrado pela Lista de Textos em Ordem Alfabética no site www.FilosofiaEsoterica.com .

[2] Veja o artigo “Minority Rules: Scientists Discover Tipping Point for the Spread of Ideas”. Link direto: <http://www.sciencedaily.com/releases/2011/07/110725190044.htm> .

[3] Do texto “The Search for Discipleship”, de John Garrigues, que está disponível na Lista de Textos por Ordem Alfabética em www.FilosofiaEsoterica.com , e na List of Texts in Alphabetical Order em www.TheosophyOnline.com .

[4] “O Centro do Círculo de Pascal”, de Carlos Cardoso Aveline. O artigo pode ser encontrado pela Lista de Textos em Ordem Alfabética, em www.FilosofiaEsoterica.com .

